

**Agrupamento de Escolas Santa Maria Maior**

**E.B.2,3 Frei Bartolomeu dos Mártires**

**Conto**

**No Alcantilado de Montedor**

**7º Ano**

**Turma B**

**Docente Responsável: Carminda Maria de Castro**

**Teixeira da Costa**

**Viana do Castelo, 26 de maio de 2020**

## No Alcantilado de Montedor

Josué chegou à escola bem cedinho. Ainda não era a hora de entrada para a sala, quando de repente a campainha tocou. Tirou o horário da sacola e dirigiu-se à última sala do corredor e olhou para a porta e nela estava escrito: “Clube de Ciência”. A porta estava encerrada e muito devagar rodou o manípulo para entrar e dirigiu-se até ao fundo da sala.

Fazia um silêncio absoluto. Sentou-se, então, num banco confortável, mas ao mesmo tempo sentiu uma incerteza em si ou até mesmo uma hesitação com aquilo que ia observar. A professora era toda janota mas de certa idade. Era magra, mas bem bonita e usava umas roupas que davam nas vistas. Tudo era novo para ele, naquele local.

-Bom dia meninos!

Ela chamava-se Carminda, professora de Ciências Naturais e de repente numa voz forte e estridente disse:

-Hoje vou falar de um assunto bastante interessante sobre as espécies exóticas invasoras que são consideradas a segunda ameaça mundial à biodiversidade e que ocupam o espaço das espécies nativas de um determinado bioma, modificando os seus ciclos e as características naturais e colocando em perigo as nossas espécies nativas da região.

Por instantes parou de falar, pois parecia cansada, mas de imediato, alguém do outro lado da sala exclamou:

- Continue, senhora professora.

- Pois, ainda tenho a dizer que em fevereiro o nosso monte de Viana do Castelo e arredores cobre-se de amarelo conduzindo à “Festa da Mimosa”.

- Estou confuso, senhora professora, mas ao mesmo tempo maravilhado, pois eu nunca tinha ouvido comentar algo assim!

E de repente, o Josué reparou nos olhares de uns e de outros e com grande admiração ouviram a professora dizer:

-Tenho algo de maravilhoso e extraordinário a fazer com vocês, meus meninos! Vamos visitar um local e através de investigação realizar em terreno um estudo experimental a fim de testar diferentes formas de controlar a espécie mimosa e substituir esta espécie por outra nativa.

A professora marcou o dia e a hora da visita e lá foram todos.

Estavam ansiosos e entusiasmados com aquela saída. Eram as primeiras horas do dia quando chegaram perto do local e avistaram de longe o farol de Montedor, na freguesia de Carreço. A camioneta parou e tiraram o material necessário e cada um transportou-o para realizar o trabalho. O dia estava esplendoroso. Não tinha população à volta mas ouvia-se, vindo de muito longe, ruídos parecendo ondas propagando-se na direção do grupo e em todos os sentidos, aumentando. Seguiram todos o mesmo caminho que era longo, estreito e rudimentar, cheio de sedimentos e fragmentos de várias dimensões, alcantilado. Lá iam contentes e de mãos dadas cantarolando continuamente “Pelo ambiente lá vamos nós!”.

-É um labirinto?! Senhora professora?! – questionou o Josué. – Ainda vai demorar muito para lá chegar?

- Já falta pouco, estamos perto, - disse a professora.

Finalmente tinham chegado.

Já no topo e à entrada do local estava uma senhora de idade que os impressionou, acharam-na bonita, talvez exótica, cheia de brio, um pouco esguia, com cabelo curto e grisalho, tapado por um chapéu de palha, fazia lembrar uma bisavó. Chegaram perto dela, o seu nome era Esmeralda, de 81 anos, agricultora de profissão, mas também tecia e fiava e cortava mato. Esmeralda contou-lhes a sua vida! Para ela o local era chamado naquele tempo “Monte da Gandra”, descampado, com meia dúzia de pinheiros, tinha muito mato, muitas flores e rosmaninho e pelo raiar, a Esmeralda punha duas vacas, a Galega e a Antra, a pastar. Por agosto e setembro não existia pasto, então, fazia as sementeiras para o milho naquele local. Ficaram, admirados com sua história, mesmo bastante comovidos!

-Linda história, estou admirado, -disse Josué aos colegas.

-De seguida, acompanharam Esmeralda por um caminho áspero e andaram cerca de trezentos metros e olharam todos para o local com grande admiração! Pois tudo o que ela tinha contado não era tão paradisíaco como lhes pareceu na história. Ficaram desconsolados, pois o panorama era bem diferente, tudo nesse local era diferente. Olharam em redor e avistaram uma enorme quantidade de acácias todas aglomeradas e unidas como se fossem um exército, completando um muro tão alto que mal dava para passar. Do outro lado havia o horizonte, o mar que não parava de clamar com as suas ondas fortes que batiam nos rochedos

sem cessar. Naquele momento todos estavam um pouco apreensivos, mas ao mesmo tempo contentes.

De imediato começaram a tirar das sacolas os equipamentos, as luvas, as tesouras de podar, os serrotes, o drone, o telemóvel e começaram o trabalho. As acácias eram densas e com folhagem brilhante e espigões eretos constituídos de flores amarelas. A sua casca era lisa e cinzenta. As folhas eram de um verde brilhante e alternadas, estritamente alongadas e com comprimento de sete a quinze centímetros. As nervuras das folhas eram paralelas e proeminentes. As flores eram bastante pequenas, de um amarelo brilhante e bastante aromáticas. Estavam agrupadas em espigões cilíndricos e eretos, até cinco centímetros. A vagem era estreita e cilíndrica, de sete a quinze centímetros de comprimento e comprimida entre cada semente.

Estavam agrupados e cada um fazia a sua tarefa. Uns arrancavam com força a espécie pela sua raiz, o “ arranque manual”, e outros pegavam nas tesouras de podar e serrotes e cortavam, cerca de um metro do solo os troncos e puxavam a casca até ao colo. Como elas ficavam!

- Nuas, simplesmente feias. -diziam

Mas, todos sabiam o que estavam a fazer! Elas iam morrer e desaparecer com o tempo. O previsto iria acontecer de certeza absoluta! Queriam ocupar o lugar delas, plantando espécies autóctones - urze, tojo, azevinho e muitas mais espécies como tinham pensado. A algum espaço de distância lá estavam quatro elementos da turma bastante eufóricos e atentos, a manipular um drone, num raio de 500 m de área, que observavam de forma mais ampla os focos infestados e ao mesmo tempo tiravam fotos de todos os lados, com os telemóveis, aos vários exércitos de acácias que rodeavam esse local.

Não tinham mãos a medir e com o auxílio de uma aplicação descarregada no “Google Play” para “Android”, submetiam de imediato para os “invasores. pt”, dando assim conhecimento da área de trabalho.

Acompanhados de uma ficha de campo dada pela professora de nome “Ecosistema Florestal”, procuravam a melhor forma de encontrar as respostas devidas, descobrindo e explorando o mesmo local. Cada resposta encontrada era considerada uma mais-valia nos conhecimentos.

A autoestima ia aumentando cada vez mais. A ficha era complexa mas tornou-se fácil, pois contemplava os seguintes itens: as condições climáticas; identificação das perturbações ou alterações ambientais; estrutura da vegetação; desenho/esquema do ecossistema em estudo; exploração da diversidade das plantas e o melhor processo de controlo/erradicação da

espécie. Toda ela abrangia descobertas curiosas e motivadoras, elucidativas e devagar conversavam e debatiam uns com os outros e lá foram preenchendo no terreno e aplicando de forma eficaz os conhecimentos transmitidos pela professora. Estava a ficar tarde, recolheram todo o material retirado daquela espécie, usando assim os processos mais eficazes para a sua mitigação e até mesmo a sua erradicação, mas sempre com o cuidado e a preocupação de não danificar os ecossistemas naturais. Fizeram o mesmo caminho, já muito cansados e exaustos, chegaram à camioneta. Esta entrou em andamento e durante o percurso um aluno sentado na traseira questionou a professora:

- Ó senhora professora, será que vamos conseguir sensibilizar a população e a nossa comunidade escolar?

Respondeu, então ela, com um sorriso no rosto.

- Penso que sim. Sabiam que para este efeito com a aplicação das formas mais simples de mitigação, controlo e erradicação mais adequadas, podemos reduzir esta problemática de extraordinária importância na nossa região e que a mesma causa graves consequências para as nossas espécies nativas, atendendo a que uma grande parte delas, estão em risco de desaparecerem ou entrarem em vias de extinção.

Alguns dias tinham passado desde a visita ao Alcantilado de Montedor. Esse dia nunca foi esquecido pois repisava no dia-a-dia e nas cabeças de cada um. Tinha chegado a terça-feira e estavam completamente eufóricos, entraram no Clube, estavam todos os materiais recolhidas e amontoados daquela visita. Era fundamental começar o trabalho com afinco e resiliência.

De forma inesperada entra professora de Ciências acompanhada da professora Lara e do senhor Abílio. Este era uma pessoa que não conheciam, parecia um homem simples sem vaidade nenhuma e de poucas palavras e de rosto cansado. Ficaram um pouco apreensivos mas ao mesmo tempo admirados com a sua figura. A professora Lara já era conhecida, professora de Educação Visual e Tecnológica que muito gostavam. As suas aulas eram especiais e sempre criativas, nunca paravam de inventar de manusear materiais desconhecidos e concretizar tudo aquilo que por ela era pedido.

Josué pensava com os seus botões: “quem é o senhor Abílio? O que faz aqui?”

Abílio começou por contar a sua história. Era um homem de 70 anos, artesão de fabrico de cestos em vime, tala e bambu com mais de 40 anos de trabalho e residente na freguesia de Viatodos – Barcelos. O primeiro cesto feito por ele foi uma réplica de um cesto que as crianças “escravizadas” utilizavam para tirar a terra das minas para fora e que os adultos sabiam que existia nessa terra “ouro” e agradava-lhes. Pois naquele tempo dizia, ainda, Abílio que as crianças eram muito escravizadas e que colocavam esses cestos na cabeça

para os transportar. Continuou a falar de sua vida como estivesse a viver o passado, dizendo que fez muitos cestos dos troncos da acácia e que eram muito usados naquela época na agricultura uma vez que era um material muito resistente.

Estabeleceram um diálogo com ele e falou-lhes com grandes saudades do desenvolvimento que a cestaria sofreu ao longo dos tempos.

- Senhor Abílio, como podemos executar os cestos, quais as técnicas usadas na sua confecção? - questionou o Josué -

O senhor Abílio esclareceu as dúvidas e depois de quatro horas despediu-se. A professora Lara tinha ouvido tudo em pormenor acerca da confecção dos cestos.

Iniciaram nesse dia e durante semanas aplicaram todo o conhecimento adquirido no processo de fabricação dos cestos. Numa primeira fase, preparam as cascas da acácia resultante do descasque e arranque manual. Desse modo, colocaram as cascas a secar, fizeram a seleção das cascas e dividiram-nas por tamanho e espessura. Numa segunda fase, colocaram as cascas a demolhar e cortaram em tiras de larguras idênticas. As cascas mais curtas e resistentes serviram para a construção dos fundos do cesto, as mais longas para a tecedura do corpo do cesto. Numa terceira fase, prepararam o fundo do cesto do seguinte modo: dispuseram um número ímpar de montantes em cruz e realizaram o entrelaçamento apenas com uma ponta. Por fim, passaram à tecedura do corpo do cesto, aplicando a técnica de “entrelaçado simples”.

Viram durante algumas semanas a nascer das suas mãos algo fascinante! Os verdadeiros cestos! Os cestos feitos com as cascas da acácia daquele local!

Os cestos eram de vários tamanhos e tomavam várias formas, refletidos de beleza não fugindo daquilo que era costumeiro. Eram, sem dúvida, verdadeiramente encantadores. Foi notável a concretização. Estavam prontos para serem vistos. Que alegria foi ver todo o grupo a dar conta que tinha conseguido estudar aquela espécie e realizar o sonho. Durante semanas não se falava de outra coisa em vários locais da escola e deram conta que em redor de toda a comunidade educativa se tinha instalado uma grande especulação/expetativa, curiosidade e interesse devido ao produto final obtido: os cestos executados com a dita casca da acácia. Todos tomaram consciência daquele problema ambiental e alertaram a população através de um folheto informativo para a prática de procedimentos simples, básicos e essenciais a ter em conta no dia-a-dia, de modo a permitir a concretização de um projeto que em tudo favorece o ambiente.

Estavam repletos de alegria! Estavam cansados mas continuavam muito fortes! Não podiam desistir do Alcantilado do Montedor, local tão pretendido por todos. Fizeram, então, um enorme cartaz na sala de aula de Educação Visual com a ajuda da professora Lara que dizia:

“Contribuam todos para um melhor futuro da nossa Floresta, podendo a mesma, usufruir de tranquilidade e beleza da paisagem de outrora”.

O local não foi esquecido por estes combatentes! E continuaram a combater a praga, reduzindo pouco a pouco aquele grande inimigo de acácias aliadas umas às outras.

Passaram-se mais de 10 anos.

Josué obteve o doutoramento na área das Ciências Ambientais na universidade de Lisboa. Trabalhava no Centro de Investigação na mesma cidade no estudo das plantas invasoras de Portugal. Tinha o seu gabinete e através dele com tecnologias altamente sofisticadas comunicava para todas as regiões do país. Uma das regiões prioritárias foi o Norte na cidade de Viana do Castelo onde tinha nascido, local que acompanhou sempre à distância durante a sua formatura. Regressou aos primórdios e potenciou através de um novo projeto a zona do Alcantilado de Montedor, abraçou-o com toda a sua energia e garra e com a ajuda dos alunos e comunidade escolar da Escola Frei Bartolomeu dos Mártires que afinal também era a sua escola e em reconhecimento à mesma, por ter sido ela que lhe tinha dado as suas próprias asas para poder voar.

- Pensei, então, que aí estaria um brilhante futuro! - salientou Josué -

Para além de organizar e gerir o projeto em sintonia com a escola, não quis esquecer os velhos professores: Carminda, apesar de já estar aposentada continuava envolvida em projetos quer de iniciativa local como nacional. Lara continuava a trabalhar com a persistência que a caracterizava sempre na descoberta de novas técnicas e materiais “Amigos do Ambiente”. E o artesão Abílio já com 86 anos, muito cansado, continuava a acompanhar a atividade da cestaria mas já estava no comando do seu filho mais velho. Esmeralda, já muito velhinha e cansada, continuava a zelar por o seu cantinho do coração. Todos ainda vivos e capazes de dar um grande contributo. O local estava completamente limpo sem uma única espécie invasora. Aquela enorme área estava toda diferente. Apenas o farol de Montedor continuava na mesma, não existia nele qualquer modificação notável. Aquele local estava coberto de uma grande beleza natural que conduzia a uma maravilhosa, repleta e extraordinária vegetação das plantas nativas e que em cada estação do ano se cobria de várias cores formando painéis deslumbrantes e não esquecendo que em cada caminhada realizada naquele local se continuava a avistar ao longe o mar. Todas as espécies estavam organizadas hierarquicamente e toda aquela grande área estava concluída até ao pequeno pormenor. Eis, então, ao alcance de todos o “Parque Ecológico do Farol de Montedor. Todo o espaço foi

marcado a nível nacional e considerado um tesouro natural e cheio de energia. Um lugar fantástico para ver, caminhar e contactar. Então, Josué, de todas as vezes que vinha ao Norte, não se esquecia de visitar o seu querido cantinho. Lá ficava muitas horas, extasiado, a contemplá-lo. Olhava à sua volta, sonhava em voz alta com a construção de um “Museu Botânico” cujo objetivo era preservar as espécies nativas e realizar um verdadeiro património com uma enorme variedade de espécies muito raras da região.

A verdade é que tudo se encarreia para a concretização de mais um sonho!